

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.626
Sábado, 15 de Março de 1924
PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

As violências da polícia e a atitude belicosa do seu comandante estão provocando uma grande e legítima indignação

O inquilinato Contra os crimes e violências da polícia!

Uma manifestação de protesto dos estudantes

Onde para a escada do major Rodrigues? — Mentiras sobre mentiras — “O Mundo” e “O Rebate” contra o sr. Ferreira do Amaral

Volta à tela da discussão o problema do inquilinato. Mais um projecto de lei está sendo discutido no parlamento. Nesse projecto, se bem que se atendam algumas reclamações dos inquilinos, os proprietários são entretanto de melhor protecção.

Reza, assim, esse projecto:

Artigo 1.º—A contar de 6 de Dezembro de 1923, inclusive, o contrato de arrendamento de prédios urbanos, ainda com data anterior e embora não conste de título autêntico ou autenticado, não se considera rescindido nem pela morte do senhorio ou arrendatário, nem pela transmissão do prédio, seja qual for a natureza desta, salvo o caso de expropriação por utilidade pública ou de doação a favor de escolas ou de institutos de beneficência.

Art. 2.º—Não poderão ser intentadas de futuro e ficam suspensas, desde a aplicação desta lei, todas as acções e execuções de sentenças de despejo de prédios urbanos destinados a habitação, comércio ou indústria.

Art. 3.º—Não poderão ser intentadas nem prosseguir as acções que se fundem na falta de contrato de arrendamento ou das suas formalidades, seja qual for a etapa do processo.

Art. 4.º—Poderão, porém, ser intentadas ou prosseguir, quando pendentes, as acções ou execuções de sentença de despejo, quando estas tenham por fundamento a falta de pagamento de rendas e os inquilinos não as tenham depositado, nem tenham juntado ao processo documento comprovativo do pagamento das rendas.

Art. 5.º—Ficará suspenso o prosseguimento dos termos dessas acções se os inquilinos depositarem as rendas, cuja falta de pagamento se acusa, no prazo de cinco dias, a contar da publicação desta lei, quanto às acções já pendentes, e a contar da data da citação para a acção quanto às acções pendentes.

que com esse fundamento possam ser intentadas de futuro.

§ 4.º—Poderão igualmente ser intentadas ou prosseguir quando pendentes, as acções e execuções de sentença de despejo, que tenham por fundamento a sublocação do prédio destinado a habitação, sem o consentimento do proprietário, desde que esse consentimento fosse necessário.

§ 5.º—De futuro, nenhum inquilino poderá sublocar todo ou parte do prédio por ele arrendado para habitação, sem consentimento expresso do senhorio.

Art. 3.º—Ficam os proprietários autorizados a elevar ao dobro o aumento de rendas permitido pelo artigo 25.º da lei n.º 1.368, quando se trate de prédios destinados a habitação e ao quádruplo quando se trate de prédios destinados a fins comerciais ou industriais.

§ único.—O aumento de rendas autorizado por este artigo é aplicável aos arrendamentos de prédios urbanos de que o Estado ou os corpos administrativos são arrendatários.

Art. 4.º—As disposições desta lei vigorarão até à publicação de uma nova lei do inquilinato, que substitua e interprete a legislação em vigor, podendo prosseguir, então, as acções ou execuções de sentença que tenham sido intentadas com fundamentos consignados nessa nova lei, como motivo bastante para despejo.

Art. 5.º—Fica revogada a legislação em contrário.

Como se vê, pretendo-se que os senhorios tenham a liberdade de elevar ao dobro o aumento permitido há tempos. Essa liberdade irá dar aos exploradores ensejo para cometer toda a casta de roubos. Os senhorios já cometem abusos constantes que revoltam. Com a lei a favor, esses cavalheiros farão desses abusos uma norma pura e simples.

Os inquilinos que se preparem para reagir.

Reproduzimos há dias dum jornal da noite as estranhas declarações do 2.º comandante da polícia major sr. Rodrigues. Não temos de nos arrender aos vivos e energéticos comentários que lhe grudámos. Factos anteriores a essa declaração veem justificar amplamente o que dissemos e a extraordinária falta de proporções que as declarações do sr. major revelavam.

Aconselhou o categorizado sustentáculo da “ordem pública” as pessoas pacíficas a acolherem-se a uma escada quando vissem a polícia aproximar-se duma desordem com terços, pistolas e carabinas. Afirmámos que essa escada que protege vidas não passava duma metáfora. O Mundo de ontem vem corroborar a maneira covarde e cruel como foi agredido um velho de 64 anos, nas célebres desordens de domingo transacto a cuja instigação não são estranhas as medidas de ordem do sr. Ferreira do Amaral:

“Agora escute o que se passou comigo. Tendo indo passar a Algas no domingo, com o meu presado amigo Artur César Sardinha, inspector aposentado da alfândega, regressado a Lisboa, e, depois de termos jantado numa casa particular da rua das Flores, ignorando da maneira mais completa tudo já quanto tinha havido na Baixa, dirigimo-nos cerca das 19 horas para o Rossio, a fim de seguirmos para a Graça onde esse meu amigo mora.

Chegados ao Rossio, nada notámos de anormal na praça; muitas pessoas e todas transitando sossegadamente. Estivevamos a ler descançadamente os placardos, atravessando do lado ocidental para o oriental e, quando nas alturas da Loja do Povo, reparei então num magote de soldados em frente da esquadra, lá a dizer ao meu amigo que seria melhor tomarmos pela rua do Amparo quando ouvimos um tiro de revólver e ao mesmo tempo vimos a multidão correr desordenadamente em todas as direcções. O meu amigo observou-me que o melhor era recolhemo-nos numa escada, eu concordei imediatamente e entramos na que tem o n.º 74 nessa praça, onde já estavam várias pessoas. Imaginávamos estar livres de perigo e o mesmo pensavam por certo os outros cinco ou seis indivíduos—todos de aparência que não provocava a mais ligeira suspeita e que se portavam com a máxima ordem, quando assomou à porta da es-

cada, de espada desembainhada, o chefe Oliveira, da esquadra do teatro Nacional, o qual, em voz sonora e no tom mais imperativo, exclamou:—Não quero ninguém dentro da escada, tudo para o meio da rua. A saída é pelo largo de São Domingos.

Todos obedecemos o mais prontamente possível e seguirmos para onde o chefe ordeara. A frente caminhava o Sardinha, homem de 65 anos, pessoa de temperamento avesso, em absoluto, a desordens, republicano dos tempos em que alguns dos defensores do actual regime eram então partidários acérrimos da monarquia, e a cerca de três metros atrás marchava eu. Em frente da porta n.º 7, desse largo, surge de novo, a correr, e ainda de espada desembainhada, o mesmo chefe, que grita:—Já disse que não quero ninguém aqui!

Acto contínuo, sem tirarmos nem guarda, cobardemente, o mesmo chefe descarregou, pelas costas, uma espadreira na cabeça do meu amigo, dando-lhe uma pancada mas de gume. O golpe cortou-lhe o chapéu e o couro cabeludo, atingindo-lhe ainda o crânio, que ficou fracturado, e caindo a vítima no chão.

Onde está a escada do sr. Rodrigues. 2.º comandante, que pôs os transeuntes pacíficos ao abrigo da morte? A escada do prédio n.º 74 abrigou um pobre velho. E um salvagem de nome Oliveira, chefe do posto do Nacional, foi de lá expulsar um velho para o agredir com a espada e a metralhadora.

Estes dois factos, que o sr. Rodrigues não nega, mostram a maneira covarde e cruel com que se procedeu no domingo de desordem. A “ordem” está simbolizada no crânio fracturado dum velho de 65 anos.

O Mundo, que não gosta de beliscar a polícia, classifica a maneira como ela procedeu no domingo de “arbitrariedade, violência e desumanidade”. Em compensação, “A Epoca” aplande o sr. Ferreira do Amaral. D’us está com ele — e o governo também.

Se a polícia se fez para nos livrar dos chamados assassinos, quem nos livra, a nós, de ser assassinados pela polícia? Ninguém. E os crimes da polícia ficam para sempre impunes, porque são feitos em nome da “ordem pública”, para quem os cabelos brancos dum velho constituem perigo iminente que só a fractura dum crânio anula.

A polícia, para justificar as violências que anti-ontem praticou contra os es-

tudantes do liceu Camões, meteu vergonhosamente os pés pelas mãos, mentiu com o maior descaro. Para desculpar as suas indecíveis selvagerias, envolveu a Companhia dos Telefones alegando que esta se queixou dos estudantes contra imaginários descalços às telefonistas da estação Norte sita na rua Andrade Corvo. Não houve descalços e a Companhia dos Telefones desmentiu a polícia se bem que estes cheques são prejudicados aqueles que possuem lixeiros resquícios de pudor. Jornais houve que consiente ou inconscientemente se fizeram eco dessas mentiras, mas a indignação causada no público obrigou-os a fazer contra-vapor. Exceptuam-se os jornais monárquicos e a católica “Epoca” que defende a polícia achando legítimo que esta agreda crianças, adolescentes, velhos e mulheres. Ou Deus a não inspirasse na sua infâmia piedade.

O reitor do liceu Camões, dr. sr. Claro da Roca, exprime em termos serenos e desabonados, numa entrevista concedida a um jornal da noite, a maneira incorrecta e brutal como a polícia procedeu:

“Em face do que ontem vi, eu que sou um amigo da ordem, fiquei com a impressão de que a maioria dos factos que se dão, são da responsabilidade da polícia. Os guardas agrediram a torto e a direito, não respeitando professores, nem oficiais do exército, nem senhoras.

—Quais foram as razões do conflito? —Diz a polícia que os estudantes se meteram com as pequenas dos telefones e que estas requisitaram a sua intervenção.

—A Companhia já o desmentiu... —Não sei... O conselho escolar reuniu hoje, com a minha presença, para apreciar o caso. Resolveu proceder a um inquérito interno, para averiguar se da parte dos alunos houve qualquer provocação à polícia. Suponho que não houve... Em qualquer caso, não há nada que justifique o procedimento da polícia para com rapazes de 10 a 17 anos. Não há explicação possível para tão feroz atitude.

—Se algum estudante, porventura, tiver prevaricado... —Será castigado, nos termos dos nossos regulamentos.

—Pelo que presenciei... —Não me resta a menor dúvida de que os polícias procederam com selvagens e não como mantenedores da ordem. Junto das grades do liceu, estava o grupo que começou a insultar

e a ameaçar os estudantes. Para evitar um conflito maior, intervim, com a delicadeza própria da minha educação e do lugar que ocupo.

—Foi escutado pelos guardas? —Não me respeitaram. Responderam-me: «Reitor, mestres e alunos, todos hão de gramar da pastilha! Nós não somos lórpas...» O 1.301 puxou do terço para mim, quando me encontrava à porta do liceu. Houve outro que entrou no edifício de pistola apertada.

—Sabes o número dos guardas que fizeram a desordem? —Sei: São: o 1.301, o 1.731, o 588, o 702, o 2.136, o 102 e o 620. Os dois primeiros foram os que mais se salientaram. Entraram numa loja que vende livros e tabaco, onde os estudantes se haviam refugiado, e mandaram sair um de cada vez. À medida que iam saindo, eram agredidos. O mesmo aconteceu numa barbearia.

Um pobre homem que na ocasião passava e foi em socorro dum estudante que estava sendo agredido, ficou estendido no chão. Pois, apesar disso, desfecharam contra ele dois tiros. Nem um velhote que saía dum estabelecimento, onde fora comprar selos, foi respeitado.

—Qual será a sua atitude? —Vou hoje, acompanhado do corpo docente e dos alunos, ao ministério da Instrução, entregar o meu relatório ao ministro e pedir-lhe um castigo severo dos guardas.

—Hoje não houve aulas? —Os alunos, para vingarem bem o seu protesto contra o descalço que sofreram, não compareceram hoje nas aulas. Vieram, contudo, dizer-me que a sua atitude não significava menos respeito para com o liceu.

—O que me diz da atitude do chefe Duarte? —Foi dúbia e fraca. Se ele tivesse mandado retirar a polícia, como lhe aconselhei, estou certo de que o conflito não teria tido graves consequências.

—E considera-o terminado? —Considero, —O sr. governador civil mandou retirar a polícia da rua do liceu e garantiu-me que serão escolhidos guardas mais instruídos para fazerem aqui serviço.

Ontem, ao princípio da tarde os alunos do liceu Camões vieram em massa ao ministério do interior protestar contra as agressões selváticas da polícia.

Não conseguiram avisar-se com o respectivo ministro por estarem a encontrar no conselho de ministros que aquela hora se estava realizando. Acompanhavam os estudantes, o sr. Marinho de Campos, pai de três estudantes agredidos iniquamente pela polícia. O antigo propagandista republicano do tempo da monarquia exteriorizou em termos violentos a sua indignação chegando a afirmar que lhe assistia o direito de tomar um desforço pessoal se porventura tivesse presenciado as agressões a seus filhos ou se o estado destes fosse mais grave.

Os estudantes dirigiram-se a seguir ao governo civil tendo ali feito sentir em termos vibrantes a repulsa da academia contra o bárbaro procedimento da polícia para com os estudantes.

O Rebate órgão democrático que apoia o actual governo dá razão à nossa campanha contra as célebres “medidas de ordem” do sr. Ferreira do Amaral nos seguintes expressivos termos:

“A polícia está criando uma situação muito desagradável, mercê da orientação do seu comandante.

No domingo houve em Lisboa incidentes desagradáveis, mercê da incompetência policial. Ontem deram-se incidentes gravíssimos com estudantes, também por culpa exclusiva da polícia. Tudo isso se realisa porque a polícia adoptou, por ordens superiores um critério brutal, incompatível com o espírito republicano.

A polícia, composta por elementos que, em geral, por falta de educação, não primam por processos delicados, exagerou. Tornou-se selvagem. Os estudantes foram ontem agredidos brutalmente, sem motivo que tal justificasse, como no domingo o povo foi agredido de tal proceder pertence aos chefes que dão ordens abusivas.

É péssimo que assim suceda, porquanto cria uma grande efervescência contra a polícia que até certo ponto se torna justa.”

Diante de todas estas violências, em face de toda esta indignação ainda haver em Portugal, excepção feita aos falsos bestas e ferozes reacçãoários da “Epoca” quem não proteste contra o sr. Ferreira do Amaral, contra as violências por ele cometidas, contra as provocações por ele feitas?

CRONICA PARA LAMENTAR NO CIRCO DE SÃO BENTO

UN ESPECTACULO SEM INTERESSE, EXTRA-PROGRAMA — AS OSCILAÇÕES DO CAMBIO NUMÉRICO — UMA CAMPANHA QUE FOI AO FERRADOR — UM CATACLISMO SOCIAL PRONUNCIADO PELO “BORDA DE AGUA” — UM COM- O O BATE DE DOIS PAPAGAIOS QUE PARECIAM DOIS LEÕES

Por qualquer motivo imprevisível, não se desmpehou ontem o número de encenação, e os espectadores, que vinham a dar-nos uma ideia positiva de alguns costumes dos povos bárbaros, iludiram-se a expectativa, desmanchou-se abruptamente o antegosto dos espectadores invisíveis; a companhia, porém, não quis deixar de apresentar um espectáculo digno do seu elenco e do público ausente.

Para o circo, ou, na designação pitoresca do idioma jornalístico, para o vasto hemiciclo foi trazida, com toda a pompa dos seus cenários e dos seus intérpretes, a fantasia em quatro horas do século da roda ou o país engatado.

Não há ainda, às 15 e meia, o número suficiente de deputados para a interpretação, mas a chamada inicial se a arresta se por um longo quarto de hora. E que tudo anda fora de horas, desde o primeiro do “passo hemisférico”, que anda atrasado quinze minutos, até ao de quinto mais pontual, que anda atrasado cinco quartos de hora.

Não há meio de surgirem mais deputados durante a chamada — e a falta de número, como a falta de interesse, continua evidenciando-se. Para salvar a situação, o sr. Tavares de Carvalho pede a palavra para um negócio urgente.

—Sr. presidente —clama tragicamente o iminente deputado — sr. presidente, a campanha não toca! Não toca e isto assim não pode continuar! A campanha chama os srs. deputados dos Passos Perdidos para as Horas Perdidas! E quando falta número das Horas Perdidas, é que a campanha não toca! Sr. presidente, a situação é grave...

O presidente esclarece que a campanha se avia por excesso de serviço. Está no ferrador a concertar, mas não mandar os contínuos para os Passos Perdidos. Estes assim cumprem, dando gosto observá-los, batendo as palmas e clamando:

—Srs. deputados, à sala!

O câmbio numérico vai subindo com lentidão; só o câmbio governamental continua abaixo de zero, porque não se encontra um só ministro, o que leva o sr. Tavares de Carvalho a confirmar a queda definitiva.

O que o Borda de Agua prediz para o verão, segundo Cancela de Abreu

Levanta-se Cancela de Abreu, solene e a sua figura, simetricamente

ROMANCE POLICIAL “D. QUIXOTE... DO AMARAL”

I

Naquela noite, tendo a trabalhar-lhe nas tripas um complicado, muito picante e rebarbativo arto e caril — vá-se piada o rebarbativo... — D. Quixote... do Amaral tivera um sono agitado, cortado de pesadelos terríveis...

Por entre esses sonhos passavam, de vez em quando, em desmesurado tamanho, as letras da cabeça de *A Batalha*, por mais que quizesse destruí-los apareciam-lhe intactos, escarinhados e implacáveis os artigos causticos e justos que a sua estranha atitude nos tem merecido.

Brr! Bum! Paz! Pim! Pim!

Viu-se na Flandres, soldado valente, misto de herói e de louco, entre a chuva inconcebível da metralha, sob a trovão ensurdecedora das granadas e da fusilaria, no meio da fumareda e dos cadáveres da tremenda carnificina. Diagonalmente, brandiu durandinas, lançou granadas de mão, pôs em acção metralhadoras e peças de artilharia, comandou com brio e valentia pesadas massas de infantaria, organizou e deu furiosas cargas de cavalaria, subiu em aeroplanos e despejou por baixo toneladas de exterminadora metralha...

Tudo em vão!

Brr! Bum! Paz! Pim! Pim!

Por mais que fizesse, aqueles papéis — piores, mais resistentes do que os boches! — ali estavam sempre na sua frente, para toda a parte para onde se voltasse, com aquelas letras de imprensa, cada vez mais negras, dum negro mais firme, cada vez maiores, cada vez mais absolutamente inapagáveis.

Maldita ideia do corte de cabelo que provocara a indignação também o riso que o enchia de ridículo e lhe baniuja já as suas compridas barbas! Maldita ideia!

resco, que só a irreverência dum gaisto de Lisboa poderia exprimir inteligentemente.

—Bandido! —grita o Macedo — abusar da minha honrabilidade! Apanhaste um ensaio, para que saibas que sou o mais honrado...

—Canalha! —bafurista o Correia — Enrri-uceste como um judeu...

Etc. Ambos possuíam uma cabeleira muito recomendável aos ferozes tesoureiros do capitão Ferreira do Amaral.

Hoje não há espectáculo, para a companhia descançar. Segunda-feira, programa sensacional: estreia-se uma companhia de s timbólicos e Conselho Hidalgo fará vários números de agrado.

II

Acordara melhor das tripas mas mais fagueiro de ânimo, mais disposto a lutar, mais decidido a demonstrar que uma Flandres se arranja ao voltar dum qualquer esquadrão e que as suas barbas compridas não são para zombarias nem ficam ao alcance de meia dúzia de revólveres e de audaciosos cuja revolução tem fechada na gaveta da sua secretária...

Dos fatos não reza a História!

Brr! Bum! Paz! Pim! Pim!

E, com os olhos desviados, tomado dum nervosismo quasi místico e de um heroísmo quasi flandrico, investiu, com a sua gente, contra a barricada das patatas mexas do então bem pacato café de 5 de Outubro e lançou em voz altisonante o repto tremendo:

—Quem há aí que me queira cortar as barbas?

Brr!

Mis não se ouviu o troar da artilharia nem se sentiu envolvido na fumareda densa da Flandres...

III

Há já quem diga que D. Quixote... do Amaral vai muito em breve ter um Sancho Pança que o chame à razão — se isso é possível — e que o sr. ministro do Interior começa a pensar em o instalar com salário chic de barbearia no Terreiro do Paço, depois de convenientemente brometado. E há também quem se disponha — que tal é o arrojado — a escrever-lhe a crônica das tesuras e insucessos policiais sentindo-se Cervantes... Miguel ou não...

Mis, como os tempos já são outros, não será de estranhar que o novo romance de cavalaria — D. Quixote... do Amaral — seja exibido no *terram* num longo film de muitos mil metros e diversos episódios para gozo e divertimento das gentes e retumbante gáudio da empresa...

E estamos já daqui a ver o sr. comissário geral da polícia, D. Quixote... do Amaral, montado no seu Rossinante, reptando, fagueiro, barbudo, imenso e terrível:

—Quem há aí que se sinta Cervantes bstrante para me escrever a crônica? Brr?

IV

Congresso das Misericórdias

Com a assistência do chefe do Estado realisa-se amanhã, pelas 15 horas, a sessão inaugural deste Congresso, que funcionará na sede da Misericórdia de Lisboa.

A conferência intersindical de Lisboa

Está definitivamente fixada para os dias 30 e 31 de Março e 1 de Abril, realizando-se as suas sessões no Ginásio do Liceu Camões

Adiada por diversas vezes, em virtude de circunstâncias especiais, deve realizar-se definitivamente nos dias 30 e 31 do corrente e 1 de Abril, a Conferência intersindical de Lisboa, tendo lugar as respectivas sessões no Ginásio do Liceu Camões, ao Matadouro.

Em breve publicaremos uma nota das associações aderentes à conferência e seus delegados.

Para este efeito a U. S. O. roga aos sindicatos para indicarem pela fórmula abaixo indicada os nomes dos seus delegados afim de facilitar os trabalhos da comissão revisora de mandatos:

(Papel timbrado).

Credencial

São delegados deste sindicato à Conferência Intersindical de Lisboa os seguintes:

F. F. F. F. e actuais delegados ao conselho da U. S. O.; efectivo... adjunto...

(Data e assinado pelo secretário do sindicato respectivo).

Os sindicatos que tenham ultimamente feito substituições de delegados, devem enviar desde já uma cópia desta credencial devidamente preenchida afim de habilitar a comissão a publicar, o mais completo possível, a lista das associações aderentes à conferência e seus delegados.

Reconhecimento dos Soviéticos pela Suécia e Japão

STOKOLMO, 14.—O governo vai solicitar às Câmaras a ratificação do reconhecimento do governo dos soviéticos e a aprovação do Tratado Comercial entre a Rússia e a Suécia que contém muitas cláusulas favoráveis para este país.

PEKIN, 14.—Nos primeiros dias de abril chegarão a esta cidade delegados japoneses para renovar as negociações com os delegados russos acerca do reconhecimento do governo dos soviéticos.

Trabalhadores: LEDE A “A BATALHA”

OS ESCANDALOS NO EXERCITO ARBITRARIEDADE QUE SE ETERNIZA

Do seu desterro em Bragança, o tenente Sousa Azevedo continua baldada mente exigindo a sua restituição à liberdade e o apuramento das responsabilidades dos seus acusados, tendo enviado ao chefe do Estado a carta que passamos a reproduzir:

Excelência:—Como cidadão da república, de que sou muito digno representante, não podendo, nem jamais querendo, deixar de intervir na defesa da honra, moralidade e legalidade da nação portuguesa, pela quinta vez me dirijo a V. Ex.ª, pedindo, a minha imediata restituição à liberdade que tenho tanto direito a gozar como V. Ex.ª, contra a Constituição Política da República, contra todas as Leis até hoje homologadas, contra o fundamental princípio do Direito dos povos civilizados, estou há quase um ano preso, desterrado, irrisoriamente militarizado, situação esta, única sucedida, dentro da história de um povo.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, como cidadão português, acuso: pública, legal e juridicamente, o cidadão Fernando Augusto Freiria, de, com diversos seus agentes, e, como membro do poder executivo, ter cometido diversos crimes; assim: não mandou entrar nos cofres públicos dezenas de contos, que foram ilegalmente gastos e de que não se conhece o destino, nem sequer quem os gastou; não mandou entrar nos cofres públicos dezenas de contos que foram ilegalmente desviados, por simples pedido de um político democrático; não mandou entrar nos cofres públicos, verbas que foram ilegalmente desviadas para se acertarem contas, por má administração, etc., etc.; desviou ainda o mesmo cidadão Fernando Augusto Freiria, dinheiros do estado, recebendo em seu próprio proveito, dinheiro proveniente desses desvios.

Como cidadão português, como voluntário da guerra e amigo dos aliados, acuso, acuso ainda e acuso, sempre e sempre, o cidadão Fernando Augusto Freiria, de, ter, como oficial do Corpo Expedicionário Português, em França, retirado da frente da batalha, onde operavam as forças portuguesas, os planos de defesa dessas forças, as cartas da região e mais documentos pertencentes às forças portuguesas, documentos estes que nunca deveriam sair do Gabinete do Comando e que lhe foram apreendidos em Paris, quando o mesmo cidadão se dispunha a atravessar a Espanha, para vir a Portugal, como de facto veio, mas sem os referidos documentos.

Ainda, mais acusações, em juízo, formei, inúmeras vezes, contra este cidadão e seus cúmplices.

Pois, Excelentíssimo Senhor, as autoridades judiciais, criminosamente, não promoveram contra o cidadão Freiria e seus cúmplices, e são os próprios acusados (reus confesso) que, servindo-se da força pública, me detêm na situação de, desterrado, sequi strado, militarizado, completamente privado da minha liberdade.

Senhor Presidente da República, pela quinta vez me dirijo a Vossa Excelência, reclamando o exacto cumprimento das Leis da Constituição, e o reaparecimento e estabelecimento da verdadeira justiça em Portugal.

Exclusivamente para Vossa Excelência apelo, e não para os políticos, “porque os políticos tem defendido os acusados e, assim, estão pelo lado do crime e contra o dever e contra a honra do povo português.”

Senhor Presidente, não devo, não posso, não quero, por mais tempo, estar nesta situação estranha, servindo de comparsa nesta alta comédia, em que eu, que sou acusador, represento de acusado, e os acusados e criminosos desempenham o papel de juizes.

Senhor Presidente, não devo, não posso, não quero, por mais tempo, estar preso e desterrado, pois não devo por mais tempo mandar o “crime”, e, assim, V. Ex.ª que é português, foi e é amigo dos aliados, decerto que está ao meu lado, e, em conformidade e com a faculdade que lhe concede a Constituição Política da República, fará terminar de vez esta autêntica e escravizadora Bastilha do século XX.

Aproveito, ainda a ocasião para informar Vossa Excelência da necessidade imperiosa de se fazer uma sindicância à Direcção Geral dos Transportes, de que o cidadão Fernando Augusto Freiria é o director geral, e bem assim a eliminação de alto benefício, interesse e utilidade pública, desta instituição, o que trará também uma enorme economia.” Declarando a Vossa Excelência que envio cópia desta carta aos representantes das Nações que foram nossas aliadas na guerra e à imprensa do nosso país, muito respeitosamente e com a mais alta consideração, sádua Vossa Excelência o desterrado de Bragança

Alfredo de Sousa Azevedo (Voluntário do Exército de Guerra)

Trabalhadores: LEDE A BATALHA

CRONICA DO PORTO

A ATITUDE DAS JUNTAS DE FREGUEZIA

não conseguiram amedrontar os "honrados" comerciantes, que continuam fazendo com serenidade as suas digestões.

PORTO, 13.—Era de presumir que as resoluções das Juntas de freguesia, sobre um rigoroso inquérito às fortunas adquiridas nos últimos 10 anos, o encerramento das casas comerciais de firmas e capitais fictícios e da anulação das licenças a determinados bancos, viessem levantar um justificado pavor entre as partes interessadas.

Tal, porém, não se verificou. Ninguém discute, com aquele receio que não seria para estranhar ou com aquele entusiasmo e aplauso que era indispensável que existissem, a formidável "tentativa", o "radical" saneamento proposto pelas referidas juntas...

Não foi tomada a sério a esboçada "degolação" dos inocentes... porque a consideraram demasiado quixotesca e dentro destes melancólicos democráticos do regime capitalista e republicano conservador...

Para isso seria preciso uma revolução subversiva e quer os governantes, quer as juntas, não estão pelos "justos" desse movimento revolucionário, no qual o povo espoliado tomaria a sua cota parte de intervenção benéfica...

Se houvesse alguém capaz de fazer um minucioso e imparcialíssimo inquérito a tantas fortunas que se construíram durante e depois da guerra; se houvesse a força necessária para se cumprir o programa até ao fim—joli que derrocada, que desastre, que terramoto não se faria sentir por todo esse país foral?

Três quartas partes do Porto rico iam abaixo: não só teriam de entregar ao Estado multilhões de milhares de escudos roubados, como até, averiguada a sua procedência, teriam de dar com os ossos na cadeia...

Depois o que faz descansar os traficantes, sorrindo-se àquelas medidas expropriadoras, é a certeza de que os lobos não se mordem: gentio seria lá possível que aparecesse um governo, dentro do actual estado de coisas burguesas, que se prontificasse a ouvir as Juntas e a dar a sua "tesourada" concebida?

Quem ousaria bolir nos Azevedos?

Quem se atreveria a devassar a vida particular dos negócios do chefe do partido democrático do Porto, e outros cavalheiros equivalentes?

Para uma operação de tão vasto alcance eram precisas, pelo menos, duas coisas: 1.ª que os Amadeus Maia, inquisitados nas Juntas, fizessem o patriótico sacrifício de serem os primeiros a dar o exemplo, efectuando um inquérito à sua própria consciência de negociantes e industriais; 2.ª que todo o parlamento e todos os políticos que se enfiaram em todas as "costuras" da "economia" do estado, fossem catados e entalhados nas "unhas" duma varredura geral, de molde a que nunca mais pudessem "ferrar" na pele ressequida dum povo exausto...

Ora como os principais orientadores, e adjacentes, da vida política e económica nacional estão interessados em quantas empresas e companhias existem, numas por capital directo, noutras pela gratia, habilitadas e captivas oferta de accões com nominativo excelente, segue-se que não é possível, nem de boa fé, investigar-se a si próprios...

Salvo se procedessem como o aventureiro, o qual, na contemplação do seu ouro, enfiava e atirava pela janela fora com todo o tesouro...

Mas eles ainda não estão doirados... Outro raciocínio fizeram os visados ao lerem as deliberações das Juntas:

Quem vem elas entregar as reclamações? A quem algum governo que saísse duma revolução qualquer? Não, os actuais poderes constituídos, os quais recebem, à porta, a representação com uma das mãos, para, enquanto aguarda a legalidade, a cordura e o interesse que as juntas nutrem pelas prosperidades da pátria—com a outra, e sem ninguém ver, a despejar no cesto dos papéis, que antes tiveram o cuidado premeditado de o colocar bem perto de si...

Quando outras razões não houvesse, para acalmar a inquietude dos exploradores da humanidade, era suficiente a eliminação do n.º 9 da primeira moção das Juntas, ao qual a Batalha já fez menção.

E' certo que poderão dizer que essa eliminação foi feita por o referido número colidir com o 2.º, no qual se pede ao parlamento que habilite o governo a poder manter a ordem pública e a solucionar os problemas do alto interesse nacional...

Mas também não é menor verdade que a preferência do n.º 9 e o corte do 2.º estabeleceria uma indicação mais terminante, mais agressiva para os malfetores da felicidade pública... mesmo que se modificasse a frase executiva para legislativo...

Como se procedeu inversamente, os industriais, os comerciantes, os banqueiros e a moagem cá da tripeira terra, mal terminaram de ler a lista das reclamações, imediatamente puzeram de banda o jornal, espreguiçando-se e pronunciando mesmo em francês marmorrado: «Et marchera tout dans la même»...

De maneira que, repetimos, ninguém pensa mais no assunto, dando-o como arrumado. Nem mesmo os milicianos com capitais fictícios e firmas mirabolantes, lá por serem mais "desprotegidos", se preocupam com a lançada que lhes querem vibrar. Uma classe de centenas de rapinantes... legais que urge respeitar-se, embora a sua extinção viesse resolver, em parte, a crise de habitação, visto que uma grande percentagem de casas estão esbarradas e convertidas, em seus misticismos escritórios de "decimos" intermediários comerciais...

Preferem a crise de habitação—e não concordam os senhores—ao "desemprego" daquela raça daninha de parasitas...

De maneira que... a vida prossegue, incontrolável, no seu agravamento—enquanto o alarme das classes exploradas sobe de ponto...

Para sufocar, porém, a explosão desse alarme popular, lá está a 2.ª reclamação das Juntas que se refere à manutenção da ordem pública—porque esta é a escravidão do povo e a garantia do Estado, de cujo Estado as Juntas representam uns dos seus elos...

A cédula pessoal obrigatória

Manejos da Confederação Patronal

Um diário de ontem publicava a seguinte notícia do Porto:

"A divisão Provincial do Norte da Confederação Patronal Portuguesa, sabendo que o ministro da justiça vai decretar a obrigatoriedade da cédula pessoal, telegrafou-lhe agradecendo-lhe tal medida que desde há muito vem sendo preconizada por aquela colectividade."

Não é necessário muito trabalho para adivinhar onde está o dedo do gigante.

De novo a burguesia pretende impôr ao proletariado a aceitação da cédula pessoal e desta vez encareceu o frete à Confederação Patronal, possivelmente de acordo com o ministro da justiça.

Várias tentativas tem sido feitas para levar os operários a aceitar a cédula pessoal, a que há anos se deu o nome de caderneta, mas sem que até à data isso se tenha conseguido.

Agora novamente se fala no caso, mas é de esperar que igualmente os trabalhadores se imponham, não permitindo que essa vexatória medida seja posta em prática, pois ela só tem o fim de servir os intuídos reservados da classe patronal que por todos os processos procura esmagar aqueles que trabalham.

A consequência dos seus desejos, as classes detentoras do trabalho dos labutantes, terão ocasião de a sua vontade de manejar os produtores, reduzindo-os à situação de escravos.

Alerta, pois, trabalhadores.

Uma nota da União dos Sindicatos Operários

A comissão administrativa da U. S. O. de Lisboa, ao ter conhecimento, pela imprensa diária da saúde enviada pela Confederação Patronal (secção do Norte) ao ministro da justiça, apoiando as intenções deste titular em decretar a cédula pessoal obrigatória, resolveu chamar desde já a atenção do proletariado de Lisboa e respectivos organismos contra tais propósitos.

A U. S. O. de Lisboa procurará alargar o seu protesto de modo a impedir que tal monstruosidade se pratique e fá-lo por conhecer os propósitos que animam as classes patronais conservadoras, que de longa data acalentam tal pretensão.

A U. S. O. de Lisboa considera a cédula pessoal obrigatória da liberdade individual e veia para a classe trabalhadora por conter graves perigos e constituir uma poderosa arma nas mãos das forças do "olho vivo".

Aguarda a U. S. O. os acontecimentos para poder exteriorizar o seu protesto e a acção a desenvolver contra a instituição da cédula pessoal obrigatória.

Vinganças de industriais

A classe corticeira de Belem

Uma exortação do Sindicato

Com bastante máguia vimos comunicar aos corticeiros desta área certas anomalias que se estão passando nas diferentes fábricas de cortiça desta localidade.

Existe aqui uma firma espanhola, Luiz Cardenas & Irmão, que há tempo vem exercendo certas vinganças pugnais dos seus operários, despendendo um pouco de energia e acção que não deixam explorar mais à vontade; outros pelo motivo de receberem cotas do sindicato, e além disso ainda participam aos seus colegas da área que não têm trabalho a fazer operários despedidos da casa dele, vendendo essas camaradas na contingência de terem que abandonar a sua casa e a sua família para irem arranjar trabalho noutra localidade vindo assim agravar mais a sua situação económica.

Portanto, camaradas: não deveis por mais tempo consentir que turtulos deste jaez tripudiem mais com a miséria dos que toda a sua vida têm trabalhado para aqueles que nada fazem.

Camaradas: Como sabeis os industriais corticeiros desta área em Espanha há muitos ditadores; querendo estes senhores exercer nos operários portugueses a mesma pressão que os seus contrários exercem?

A' juntar a estes também a que existem os industriais Pênia e Augusto Casa do Monte, que iguais proezas têm praticado, lançando o "lock-out" a todos os operários que pertenciam a direcção deste sindicato e aqueles que saíam da sua casa por qualquer reclamação que eles não satisfiziam.

A direcção deste sindicato lamenta que tais anomalias se pratiquem, portanto são os operários corticeiros desta área, na sua maioria, os culpados dos patrões próximos desta forma e a prova mais evidente é convocar-se uma reunião duas e três vezes e os camaradas primarem sempre pela sua ausência, alimentando assim, com o seu indiferentismo, a acção despótica dos industriais e ao mesmo tempo cortando a acção aos camaradas que compõem a direcção deste sindicato porque sem a vossa presença nas sessões nada podem fazer.

Portanto, camaradas: já é tempo de se acabar com este marasmo. A direcção apela para a consciência de todos os corticeiros desta área para que retroceda no caminho que tem trilhado e entrem numa nova linha de conduta, accorrendo ao sindicato todas as vezes que para isso impelam. Só assim poderemos alcançar um pouco mais de bem estar, exigindo dos que te exploram aquilo a que tens direito.

JULGAMENTO

No tribunal da Boa Hora realizou-se na segunda-feira o julgamento do operário Arsénio José Filipe, que há meses se encontra preso na cadeia do Limoeiro, em virtude dum caso que se deu no Rossio no momento em que ele por ali passava. Trata-se dum equívoco que, embora tarde, cremos será desfeito.

Simone

Hoje

Telefone N. 3049

A deliciosa comédia em três actos

no

TEATRO NACIONAL

Simone

Vida Sindical

C. G. T. SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTENCIA JURIDICA E SOLIDARIEDADE

Reúne hoje, pelas 21 horas, a sub-comissão de assistência jurídica.

U. S. O. Comissão administrativa

Em sua reunião de ontem apreciou a pretenção do ministro da justiça em fazer criar a cédula pessoal obrigatória, resolvendo fazer publicar em A Batalha uma nota sobre o caso.

Resolveu mais fixar para 30 e 31 de Março e 1 de Abril, a data da conferência inter-sindical.

Deliberou convidar os corpos gerentes do Sindicato dos Operários do Município a reunir na próxima quarta-feira, a fim de se tratar do funcionamento do respectivo sindicato.

Resolveu mais convocar o conselho de delegados para o dia 25 de Março a fim de se presente o parecer da comissão revisora de contas e aceitação de novas adesões e novos delegados ao Conselho.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Comissão Administrativa.—Reuniu esta comissão no dia 11 do corrente para tratar de assuntos de interesse sindical. Apreciação de um expediente que tomou em consideração e resolveu dar o necessário despacho. Apreciação também as circulares da Secção de Federações, sendo resolvido que as mesmas baixem ao próximo conselho federal. Foi tomado conhecimento da reabertura do Sindicato Rural de Aviz, assim como de uma tese a apresentar ao VII Congresso Rural do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Benavita, a qual baixou a comissão organizadora do Congresso.

Foi apreciado o relatório do delegado que foi em missão de propaganda ao Sabor, sendo tomado em consideração.

Resolveu também prevenir os Sindicatos que a demora no envio da requisição dos selos-cotas para os mesmos, é originada pela C. G. T. em demorar o expediente requisitado.

U. S. O. Mobilário.—Comissão administrativa.—Esta comissão previne todos os cobradores que já podem requisitar selos-cotas para as respectivas cobranças; igual comunicação se faz aos camaradas que pagam na sede, a fim de não prejudicar a situação financeira do sindicato.

Uma vez mais a comissão administrativa deste sindicato apela para a consciência de todos os mobilários no sentido de prestarem a sua solidariedade abrindo quêtes nas oficinas, pré-campanha de Jaime de Campos que se encontra doente há mais de 5 meses, encontrando-se, é claro, em precárias circunstâncias.

Desarragadores de Mar e Terra.—Reuniu a assembleia, que apreciou as anuências da comissão que trata dos aumentos da secção de carvão mineral. Tendo o delegado exposto os motivos que o levaram a pedir a demissão, a assembleia aprovou um voto de confiança a quem a mesma, que deve retornar hoje as suas funções.

Resolveu-se mais que um membro da comissão de aumentos não possa, a partir de hoje, fazer contagem de pessoal, em virtude de não ter cumprido uma determinação da direcção.

Caixeiros de Lisboa.—Em sessão preparatória reuniram com a direcção as comissões de Instrução, Propaganda e Melhoramentos, ultimamente nomeadas. Delibearam os trabalhos a encetar para um maior desenvolvimento intelectual da classe, ampliando-se as aulas primárias e comerciais, efectuando-se conferências, visitas de estudos e séries de arte, enriquecendo-se a biblioteca, etc.

Tratou-se ainda da precária situação económica da classe, do problema dos desempregados, do horário de trabalho, da regulamentação da lei sobre as tabernas e outros assuntos de interesse, ficando marcada nova reunião para a próxima segunda-feira.

Federação Ferroviária.—Para continuação dos trabalhos pendentes, reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão executiva deste organismo.

Federação Corticeira Nacional.—Para se ocupar de assuntos de inadiável resolução, reúne amanhã, domingo, o conselho federal deste organismo, pelas 11 horas, na sede da C. G. T. A presença de todos os delegados directos e indirectos é indispensável.

U. S. O. Metalúrgico.—Secção de Ferradores.—Para apreciar a resposta por parte dos industriais à circular que lhes foi enviada, reclamando 50% de aumento sobre os salários, reúne depois de amanhã, segunda-feira, às 20 horas, na sede do Sindicato, todos os ferradores.

Pela importância do assunto e pela responsabilidade que impende sobre todos os ferradores, é de esperar que ninguém falte a esta reunião.

Inscritos Marítimos.—Pessoal de Cámaras.—Reúne hoje, pelas 21 horas,

a assembleia geral para apreciar duas propostas e tratar outros assuntos de grande interesse para a classe. Devem comparecer também os camaradas que compõem as tripulações da frota do T. M. E., visto uma das propostas lhes diz respeito.

Fragateiros.—Para assuntos de muito interesse para a classe é esta convocada a reunir hoje, às 19 horas, em assembleia geral.

SINDICATOS

DA PROVINCIA

S. U. Metalúrgico do Porto.—Reuniu na passada quarta-feira a Comissão Administrativa, que tomou conhecimento do expediente, no qual figuravam os nomes da Federação Metalúrgica e da Comissão Pró-Solidariedade da camarada Bento da Cruz.

Sobre o primeiro deliberou-se o enviar à Federação aclarando o assunto, visto conter uma afirmação que não corresponde à verdade.

Sobre o segundo, foi resolvido o enviar comunicado que, individualmente, já os componentes da C. A. deste sindicato andam tratando do assunto.

Exposto pelo secretário geral o estado das greves dos metalúrgicos de Rio-Médio, dos funileiros e esmalteiros e da especialidade de fechaduras, do Porto, resolveu-se convocar toda a classe metalúrgica desta cidade a reunir para resolver sobre a forma de prestar solidariedade aos grevistas.

Para tratar do mesmo assunto vão ser convocados em especial os operários funileiros e esmalteiros, do que foi encarregado o secretário geral.

Trocaram-se ainda impressões sobre o envio de delegados ao Congresso Nacional Metalúrgico, indo ocluir-se à Federação sobre este assunto.

Por último tomaram-se resoluções várias acerca dos melhoramentos a realizar na sede.

Avisa-se os pretendentes ao mobilário para vender de que é amanhã, domingo, que, pelas 10 horas, se procede à sua venda.

AS GREVES

Gráficos das Casas de Obras

Continua em greve o pessoal das Tipografias Rosa Ltd. e Maurício, em virtude dos respectivos industriais ainda não terem concedido aos seus operários, o aumento já estabelecido em todas as outras oficinas.

Reuniram ontem, em assembleia magna, as classes dos Compositores e Impressores Tipográficos, que apreciaram vários assuntos que se prendem com o movimento em trânsito, tendo também aprovado uma proposta, para que as cotizações semanais sejam elevadas para 1500 por cada componente das classes, a fim de ser elevado o subsídio aos grevistas.

A comissão pró-aumento de salário espera, que os componentes da classe reconhecendo as responsabilidades que sobre eles impende, cumpram com as deliberações tomadas, a fim de auxiliar as camaradas que estão em luta, para fazer prevalecer as reclamações, que não são suas, como de toda a classe.

A fim de receber as cotizações, encontram-se na sede membros da comissão, hoje, das 19 às 21 horas, e amanhã, das 14 às 16.

Operários têxteis da seda

Continua no mesmo pé o movimento desta classe, devido ao mutismo criminoso dos industriais que mantêm em transigência injustificável, visto terem declarado à comissão dos grevistas que estes tinham toda a razão nas reclamações formuladas.

A média dos salários é de 10800, e os operários que conseguem ganhar mais raro é ultrapassarem 14800 com o regime de empreitada, pois o de jornal não existe nesta classe, havendo até trabalhos que são feitos gratuitamente.

Os grevistas mostram-se dispostos a não fraquejar na luta que sustentam contra a ganância dos seus exploradores.

CONVOCAÇÕES

MATERIAL ELÉCTRICO SIMÕES CARMO, Lda. 12—Largo S. Domingos, 13

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

MOBILIARIA

Porto e Guimarães.—S. U. Mobilário.—Segue expediente e ofício. Faro.—Ass. de Ch. Operários Marceiros.—Digam se gastaram o expediente enviado.

JUV. SINDICALISTAS

Secção Federal do Norte.—Desajam imprimir as teses. Torna-se urgente o envio da vossa.

Núcleo do Porto.—Torna-se urgente o envio da vossa tese.

Coliseu dos Recreios

HOJE—A's 21 horas (9 da noite)

Surpreendente espectáculo da

Nova Companhia de Circo

Incomparável êxito da "ralha do ferro" Marta Farra, dos notáveis ginastas de trampolim Meteores, dos admiráveis acrobatas per-chistas Morandinis e dos célebres clowns musicais Irmãos Ferroni

ARTE ALEGRIA PRAZER

Amanhã—Grandiosa matiné

BILHETES A VENDA

AVISO IMPORTANTE A empresa previne o público de que não afixa cartazes nas ruas anunciando os seus espectáculos

Últimas notícias

NO PORTO

PELO TELEFONE

Os que roubam fora da lei

PORTO, 14.—O industrial Manoel Pereira da Silva queixou-se à polícia contra o condutor de carroças António Paciência, de Vilalonga, porque tendo-lhe conlido ferragens para levar a São Roque da Lameira, este abandonou-na rua de Entrepedres, desaparecendo em seguida. Faltam várias peças na importância de 1500 escudos.

—O comerciante José Maria Mota de Cedeifeira, ficou sem fazendas do estabelecimento na importância de 2500 escudos. O roubo foi praticado por meio de arrombamento.

Reuniões operárias

Realiza-se amanhã, às 20 horas, no Sindicato Unico Mobilário, uma assembleia magna, a fim de serem apreciados assuntos de carácter urgente e inadiável.

EM INGLATERRA

O conflito mineiro e o salário mínimo

LONDRES, 14.—Os delegados dos mineiros, reunidos em assembleia por convite do respectivo Conselho Executivo, resolveram não aceitar as propostas feitas pelos proprietários das minas em resposta ao pedido de aumento de salário, que lhes havia sido dirigido. A assembleia resolveu também solicitar a intervenção que submeta imediatamente ao parlamento o projecto de lei do salário mínimo, elaborado por alguns dos putados trabalhadores com o fim de garantir aos mineiros os meios de subsistência indispensáveis, de harmonia com o actual custo de vida.

A assembleia adiou os seus trabalhos até ao dia 26 do corrente, esperando que até lá a lei de salário mínimo seja submetida à discussão do parlamento e no caso do projecto ser rejeitado, a adida a sua discussão, os delegados mineiros reunir-se-ão novamente e então resolverão se devem ir ou não para greve, depois de consultados os mineiros de toda a Inglaterra, quando em 4 de Abril, terminará o acordo provisório com os patrões.

Aos operários tanoeiros

A direcção do Sindicato aconselha todos os operários tanoeiros a acatarem as resoluções da assembleia geral da quinta-feira, fazendo todo o possível para que a tabela do Sindicato não seja distribuída seja cumprida em todas as oficinas. Mais vos informa que encontra um membro da direcção, do ante o dia de segunda-feira, no Sindicato, para receber todas as reclamações pessoais. Nenhum tanoeiro deve deixar de receber pelas tabelas antigas visto terem sido dadas por nulas.

Em virtude de já um grande número de patrões ter pago a semana passada pela tabela do Sindicato e havendo a possibilidade de colocação de vários operários nessas oficinas, aconselhamos a agirem energeticamente para que se torne um facto a nossa deliberação.

A Direcção do Sindicato dos Tanoeiros

MÚSICA

Festa de Luís Barbosa

O concerto da Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do illustre maestro Fernandes Fogaça, em festa do insigne professor violino solista Luís Barbosa efectua-se amanhã no Politeama, com o programa que a seguir damos completo.

1.ª parte—Abertura do "Navio Fantasma", Wagner; Concerto em sol menor, Max Bruck, violino e orquestra (J. Vorpel, II) Adagio, III) Alegro rubato, violino solo Luís Barbosa.

2.ª parte—5.ª sinfonia, Beethoven. 3.ª parte—(Para violino e orquestra) "Variações" sobre uma gavota de C. Selli, Leonard; "Romances em sol maior", Luís Barbosa; "Moto perpétuo", Riea, violino solo Luís Barbosa; "Kame march", Wagner.

Empregados no comércio sem colocação

A direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, interessando-se, como lhe compete, pela colocação dos que exercendo a sua profissão no comércio se encontram actualmente desempregados, convide-os para um reunião magna que se realiza hoje, pelas 21 horas, na sede deste sindicato, na rua António Maria Cardoso, 20. 1.ª

DOS LIVROS E DOS AUTORES

A LUSITANIA, REVISTA LITERARIA DE ESTUDOS PORTUGUESES E O CATALOGO DO MUSEU DOS COCHES

A revista Lusitania de estudos portugueses que, sob a alta direcção da senhora Carolina Michaelis, acaba de vir a lume, representa um alto serviço prestado à cultura nacional, e vale como um sério esforço que merece ser celebrado, sem exclusão, claro, dos justos reparos que tiverem de fazer-se, o que é, aliás, a melhor homenagem a prestar a tão útil publicação.

Editado por um grupo de escolhidos homens de letras, destina-se esta revista a ser um órgão de cultura ao serviço da reconstrução nacional, numa missão espiritual e com um perfeito sentido das coisas passadas e contemporâneas, falando acima do mediotempo.

Basta o cumprimento dum tal programa para impor tal publicação, absolutamente indispensável como instrumento cultural. Especialmente como função crítica, importante e valioso papel poderá representar, a Lusitania, se quiser comentar a nossa vida literária e artística, nas suas diversas modalidades, chamando a sua atenção para a acção orientadora em assuntos literários, de Belas Artes, musica e teatro—acção bem necessária num país onde quasi não há critica e onde, algumas vezes se pretende fazer passar por critica o que não passa de chocante insultuosa ou elogio vulgar.

Inserir esse primeiro numero colaboração de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Luciano Pereira da Silva, Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, Jaime Cortezão e Reinaldo dos Santos, trazendo valiosos estudos criticos, sobre diversas obras literarias e artisticas, de Antonio Sardinha, Antonio Sérgio, Celso Vieira, Segundo de Espinosa, Afonso Lopes Vieira, Reinaldo dos Santos, José de Figueiredo, Ferraz de Carvalho e Castello Branco Chaves.

E das melhores publicações que no genero se tem publicado, e que consideramos indispensável a todos que estudam questões literarias, oferecendo os trabalhos inseridos absoluto interesse. Todavia, há um reparo a fazer: Peca a revista, demasiadamente, pela publicação de coisas que interessam ao estudo do passado, e—excepto na parte da critica—quasi se abstem de nos dar qualquer problema que se relacione com as coisas contemporaneas.

Suponho indispensável por menorizar aos organizadores de tal bela publicação quantas questões importantes se debatem na actualidade—sobre literatura, musica, pintura, teatro, critica social—e tudo isso interessante de perto a vida cultural.

De modo que essa falta, além de ser uma infracção ao programa anunciado, quebra a completa amenidade que a revista poderá ter obrigado os estudiosos a adquirir outra publicação, o que é assaz mais dispendioso para a maioria dos que se interessam, que é geralmente pobre.

A edição da Lusitania é excelente, apresentada, com papel, impressão e aspecto gráfico que a tornam absolutamente recomendável, sem o favor.

Está publicada a edição do catalogo geral do "Museu dos Coches" inserindo belas gravuras e com apresentação que se pode considerar luxuosa.

Foi seu organizador o sr. Luciano Freire, artista illustre, que neste trabalho mais uma vez marcou o carinho e cuidado que lhe merece a arte nacional, fazendo dum catalogo uma obra prima, mesmo dum alto valor como documentação de indumentaria historica, e com

um excelente aspecto gráfico que é de recomendar aos coleccionadores.

E, depois, nada falta neste catalogo. Começa por escrever, juntando uma pequena planta, a casa onde está instalado o museu e a sua historia. Segue, depois, em pormenores curiosissimos sob os coches e sua origem—que vem da Hungria onde começaram a ser construidos no ano de 1457—, não se esquecendo de qualquer detalhe historico acerca dos regios senhores que possuíam as doiradas viaturas tam usadas nos séculos XVII e XVIII e que vieram até aos nossos dias; juntandolhe, aliás, minuciosas descrições de toda a indumentaria dessas épocas, tais como: arreios, selins, selas, xarais, tudo dos mais estranhos tipos e modelos, fabricados na India, Marrocos, Espanha e Inglaterra. Insere a relação de centenas de livros, fardamentos, diversos distinctivos, armaduras, maças de praia, estoques, alabardas e um primeiro, o descriptivo que se refere à opulenta coleção de trajes de luxo, nas estranhas sedas, brocados e veludos, que enchem os armários do riquissimo museu.

EM FARO

CONTRA A CARESTIA DA VIDA E DITADURA

APESAR DO GOVERNADOR CIVIL PROIBIR O COMICIO PUBLICO,
O POVO TRABALHADOR EFECTUOU UMA GRANDE SESSÃO
DE PROTESTO

FARO, 10. — A U. S. O. desta cidade, tendo realizado um comício público, no domingo passado, de protesto contra a ditadura e carestia da vida, fez as seguintes convites que distribuiu e levou a sua desgracia, a destituição do seu "alto" cargo e dos seus "chorus" ordenados, correu pressurosa e grande, em nome da ordem alterada dos convites, dois camaradas que foram distribuídos e que estiveram durante quarenta horas. Dado o sinal de alarme na esquadra, do horrível crime que se tentava cometer, todos — coitados! — de olhos esbugalhados correram a rua em busca de arrancar os papéis que tinham a audácia de fazer uma convocação para levar a cabo o barateamento da vida.

Os marotos dos operários a quem a vida em condições de se poderem manter quando eles — polícias — não temem essa carestia e pelo contrário vão a nadar num mar de ouro! Isto lembra aos mafarricos...

Pedi a autorização nos termos previstos para a sua realização, foi negada pelo governador civil e da burguesia mandando de ter sido solicitada meia hora depois do que devia ser. Grande exemplar da lei, este governador! E' exemplar que sabendo que no C. T. de Faro se estavam fazendo reuniões de fitas animatógráficas imorais, para homens, as consentiu sendo necessário para as proibir que um operário lhe apresentasse o facto de ter sido escrita e testemunhada.

A lei... Consente-se, com conhecimento de todo o povo e sem a ignorância das autoridades, que os monárquicos reinam quando muito bem lhes traz, atacando o regime de que o governador civil é representante, e nega a autorização ao povo trabalhador para protestar contra o roubo que lhe é feito cotidianamente, contra a miséria que a finança conculca e faz sofrer. Aonde está a coerência da lei, a coerência destas autoridades?

Effectua-se uma grande sessão

O comício não se deu no local que estava designado, mas a reunião do povo trabalhador, do explorado, fez-se a sede da U. S. O., cujas salas estavam repletas, não podendo comportar mais que ali ocorreram.

Enquanto a reunião se realizava, a polícia, em pé de guerra, guardava o ponto primeiramente anunciado; as miralhas da guarda percorriam as ruas e os quartéis e os militares estavam em atenção. O governador civil fumava um charuto habitual, fazia vênias para os laços e pensava, como comandante da defensiva e ofensiva.

Enquanto a autoridade principal alpinista assim pensava, ia-se dando início a reunião.

Presidiu Quirino Amoreira, electricista, secretário, Manuel Vieira, também electricista, e António Augusto, corticeiro.

Fala o professor Buisel

Depois do presidente dizer o motivo da reunião e as peripécias dadas com a autoridade que proibiu o comício e deu a palavra a José Buisel, professor de ensino secundário, que diz que talvez ao meio burguês e burocrático o operário de Faro se esqueceu dos seus interesses e dos seus direitos. E' necessário portanto acordar e ingressar nos seus sindicatos para os fortalecer, fortalecendo-se. Disserta sobre a sociedade actual e a nefasta política, o maior cancro existente, que é necessário desfazer para bem da Humanidade e acrescenta que a natureza criou as barreiras naturais e os homens as artificiais. Todas estas se tem vindo vencendo a política que é forçoso também vencer.

Fala sobre a ditadura que atacou e refere-se a ditaduras romanas que foram sempre afofadas em sangue. S. H. Espanha há um Primo de Rivera, porque os soldados ali embruteados pelo jesuitismo ainda são uns autómatas.

«Bemaventurados os pobres de espirito, porque deles é o reino do céu!

«Bemaventurados os bons, porque eles possuirão a terra!

«Bemaventurados os que choram, porque eles serão consolados!

«Bemaventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia!

«Bemaventurados os limpos do corpo, porque eles verão a Deus!

«Bemaventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus!

«Bemaventurados os que sofrem perseguições por amor da justiça, porque deles é o reino do céu!

«Mas ai de vós, ricos; vós não tereis consolação!

«Ai de vós, fartos, porque tereis fome!

«Ai de vós, que rides agora, porque mais tarde chorareis!

«Ai de vós, quando os homens vos elogiarem, porque seus pais elogiavam falsos profetas!

«Ami o próximo como a vós mesmos...

«Fugi de pôr em prática boas obras diante dos homens, como o fim de atrair as suas vistas!

«Quando deres esmola, não faças ostentação d'esse acto, como fazem os hipócritas nos templos e nas ruas, para serem elogiados pelos homens.

«Outro dia, estava eu assentado na sinagoga, de frente do mealheiro, reparando na maneira como o povo ali deixava o dinheiro, muitas pessoas ricas davam bastante; mas chegou uma pobre viúva, e deu-lhe unicamente duas pequenas moedas, que faziam, a quarta parte de um soldo; e então, chamando os discípulos, disse-lhes:

«Na verdade, que esta pobre viúva deu mais do que todos aqueles que deitaram dinheiro na caixa; porque os outros deram da sua abundância; mas esta deu da sua própria indigência tudo quanto possuía, e tudo quanto lhe restava para viver.

«Quando deres esmola, que não saibas a não esquecerda o que faz a direita.

Carlos Coelho

representante da C. O. T., protesta contra a proibição do comício. Fala na ditadura que dizem ter fracassado mas que é necessário todos os trabalhadores estarem alerta porque na primeira oportunidade é-lhe imposta e tanto assim é que o governo, desejando provocar um motivo para o fazer, espalhou que se iam dar assaltos e talvez o tivesse premeditado mandando-o fazer pelos seus sequeiros.

Sobre a carestia da vida, a única forma que o trabalhador tem de a enfrentar é o pedido constante de aumento de salários. O aumento de salário deve estar sempre em relação aos aumentos dos artigos indispensáveis à vida.

José Vieira

representante dos corticeiros de Silves, estranha que o comício fosse proibido como o povo de Faro, como um homem, não marchasse para o local onde estava anunciado para provar às autoridades a razão que lhe assistia.

Falam ainda, e na mesma ordem de ideias, Manuel Teodoro, representante da secção federal de propaganda da construção civil; Augusto César da Silva, da U. S. O. de Olhão; Armando Ferreira e Aníbal Pereira, da C. C. de Faro; Joaquim Barros do sindicato metalúrgico de Lagos, e Xavier Pereira, secretário geral da U. S. O. de Faro.

Foi aprovada uma moção com a seguinte conclusão:

«O povo de Faro reunido resolve dar todo o seu apoio moral e material à Central dos Trabalhadores — C. G. T. — para agir de forma a resolver a questão económica».

Terminou esta reunião por vivas aos trabalhadores universais, à Batalha e à C. G. T., e com o cântico da «Internacional».

João Cavalheiro

ferroviário, explica o que é o sindicalismo, o que são as federações e a Confederação. Refere-se ao autoritarismo do governador civil.

TEATROS & CINEMAS

SÃO CARLOS A ópera de Wolff Ferrari

A comédia italiana havia caído, no século XVIII, na mais desastrosa licenciosidade, quando Goldoni lhe imprimiu uma direcção nova e uma feição pitoresca que tira a sua origem dos costumes do século. O século XVIII, aparece um ou outro signo, com a tendência e insistência nacional, com a tendência e insistência visível na passagem pelos vários países latinos.

O conflito amoroso, nas suas manifestações de ingenuidade, o arroufo permanente em que a mulher desempenha um papel «assomado» em contrastes com o homem, adocicado de palavras e untoso de maneiras, deram partido aos escritores que dessa época tem tratado e com os elementos que dela ficaram, em qualquer género, não tem sido difícil fazer reviver cenas setecentistas com todo o donaire de atitudes das suas personagens, com toda a galanteria do seu convívio, e o natural enredo dos salões magníficos daqueles tempos.

Goldoni pondo na scena essa deliciosa intriga do século XVII teve mais em vista retratar os costumes da época, do que moralisá-los, por muito leve que pudesse fazê-lo. Wolff Ferrari, mais de um século depois, comentou musicalmente essa vida galante e sem que quer fazer o que verdadeiramente poderia chamar-se uma comédia lírica, conseguiu acompanhar com espírito a verve euforizante do poeta italiano, de quem há poucos meses ainda o público de Lisboa ouvira uma peça admiravelmente representada pela Companhia de Vera Vergani.

«Le donne curiose» suprime na simplicidade da sua música, a trivialidade do assunto, não pode ser classificada de descriptiva, por isso julgamos usar de mais propriedade, chamando-lhe «música compositiva». Não é evidentemente isto, o nosso género, mas reconhece-mos, do segundo acto em diante que o músico viu bem as situações, parecendos-nos contudo que o estudo do ambiente está melhor feito do que o dos personagens. São disso prova a maneira como a orquestra está tratada no primeiro quadro do segundo acto. A nota de pitoresco que Ferrari faz passar pela orquestra, para dar o ambiente «ao ar livre» da Veneza dos canais e das construções vetustas é de facto habilmente achada. O primeiro acto é musicalmente pálido e o carácter do século XVIII decorre unicamente no vestuário, porque na curiosidade feminina, podia muito bem sê-lo de hoje e certamente o será de todos os tempos...

Quanto à interpretação pômos em primeiro plano, a soprano Giulio Romagnoli (Rosaura), a mezzo soprano Ebe Ticozzi (Colombina) e Gino Sussor di (Arlequim).

Romagnoli cantando muito bem toda a ópera, teve que bisar a aria final do segundo acto; Ticozzi, graciosa e aguçada marcou mais uma vez na scena, o seu lugar. Parmegiani dizendo muito bem conservou com sobriedade o seu tipo de feminino, Sussor di deu à scena a nota precisa de arlequino.

Fernanda Corte-Real, Rosa Salazar, Enrico Contini, Castellazzi, Rakoty e Pratti, correctos.

Bom o coro dos gondoliers.

A regência de Piero Fabbri, bastante acertada, — Nogueira de BRITO.

Reclames

Para esta noite anuncia o cartaz do Nacional a formosa peça de Da Brieux, «Simone», que na época anterior conquistou um grande triunfo, quer sob o ponto de vista literário, quer pela interpretação, que soube valorizar-lhe todas as belezas e a delicadeza e curiosidade das situações. Não deve deixar de voltar a vê-la quem ame o bom teatro.

Espectáculo desta noite, no Apolo, é dedicado aos autores portugueses

Desastre mortal

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, faleceu ontem, António Nunes da Silva, de 38 anos, natural de Ceia e residente na Calçada da Tapada, 221, o qual, como noticiámos, quando seguia pela Rua da Boa Vista com uma carroça de mão, pertencente a uma drogaria donde é empregado, ficou entalado entre aquela e a parede, em virtude dum carro eléctrico ter chocado com a referida carroça.

Da janela à rua

Na Sala de Observações, do Banco do Hospital de São José, deu ontem entrada Consuelo Baptista, residente na Rua Bartolomeu da Costa, 30, 2.º, que caiu do alto de um prédio na Rua do Carmo, ficando muito ferida na cabeça e no corpo.

Instituto de Medicina Legal

Neste estabelecimento deram ontem entrada António José da Costa, natural de Arganil, de 65 anos, trabalhador, residente na rua Andrade, n.º 2, cave, que foi encontrado morto na Praia do Dafundo, e um feto encontrado abandonado na mesma praia.

Mutualismo e Cooperativismo

Cooperativa do Pessoal do Município de Lisboa. — Não se tendo realizado, por falta de número, a assembleia geral, marcada para ontem, esta transfere-se para o dia 24 do corrente, na sua sede, Pátio do Geraldes, sendo a ordem dos trabalhos a que consta dos avisos convocatórios, resolvendo com qualquer número de sócios presentes.

Pré-pesos por questões sociais

Comissão Central
Reúne hoje, pelas 19 horas, esta comissão, para tratar do auxílio a prestar às camaradas presas.

Aos operários municipais

Camaradas: Primeiro que tudo congratulo-me pelo acolhimento que teve o apelo vindo em A Batalha de 6 do corrente, pois é com regozijo que assisto ao despertar do operariado municipal, quer manifestando as suas rebelde opiniões, quer mostrando o seu espírito sedento de preparação com o fim de tornarem mais franca a luta contra a exploração ignóbil, ameaçando erguerem-se altivamente contra o patronato.

Chegou o momento de nós, operários municipais, compreendermos que só organizados convenientemente poderemos fazer frente à canalha que pretende reduzir-nos à mais triste situação de escravos. Se assim não for, então aí de nós, que seremos vitimados pela fome, cuja origem reside na acção nefasta dos ladrões encasacados.

E' precisamente no momento que decorre em que o sofrimento se torna mais atroz, porque desde há muito que a negra fome lava em nossos lares, a agravante de nos tirarmos dias o preço de tudo indispensável à vida através de um salto brusco, o que torna mais penosa a nossa existência. E' neste momento que se torna urgente o levantamento em massa de todos os descamisados pela câmara, pois que muito há a fazer.

Não basta a preocupação pela questão económica, é necessário mais, a conquista de novas regiões e a defesa das existentes, porque estas correm o risco de desaparecer, o que será um facto se a nossa revolta se não fizer sentir contra os sugadores do nosso sangue. E' necessário ainda mais. Considerando que a sociedade em que vivemos tem por bases a mentira e a ignomínia, o que torna impossível a felicidade na terra para todos os seres; reconhecendo que a sociedade madrastra garante a um o predomínio e a abundância e a outros a fome e a escravidão; reconhecendo ainda que da estabilidade da sociedade actual depende o desenvolvimento da humanidade; atendendo que tal estado de coisas não pode subsistir e que só uma sociedade de iguais para iguais, que tenha por nível a verdade e por lema tudo quanto a beleza encerra, e que só então é possível a vida, no verdadeiro sentido da palavra, concluímos que para tal se conseguir é necessário abreviar a queda do existente e sobre os seus destroços edificar uma vida ampla e próspera.

Termino por apelar para todos os trabalhadores municipais, no sentido que ingressem no Sindicato dos Operários da Câmara, que é aderente à C. G. T., organismo que ha de emancipar os trabalhadores para a sua integral participação na grande luta de transformação social.

Eis, pois, o que sobretudo nos deve preocupar.

Alfredo Pereira VAZ.
Operário do Município

Festas associativas

Pessoal da Companhia dos Telefones

Na sede desta associação, rua António Maria Cardoso, 20, realiza-se amanhã, pelas 14 horas, a inauguração da bandeira sindical, havendo uma sessão solene em que usará da palavra os srs. dr. Carneiro de Moura, dr. Campos Lima e Fernandes Alves.

Como demonstração de solidariedade, e a expensas do cofre sindical será feita a distribuição de fatos e calçado a sete crianças filhos de sócios em precárias circunstâncias.

A festa é abalinhada por um sexteto do Asilo-Escola António Feliciano de Castilho e pela banda da Sociedade Alunos de Apolo, sendo a entrada livre.

A direcção convida por este meio os organismos operários e os jornais que, por lapso, não receberam convite directo, a fazerem-se representar.

Os que morrem

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Falecimentos

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Faleceu ontem Maria das Dores Pinto, de 84 anos de idade, avó de Luis Augusto Simões, presidente da Associação dos Empregados de Escritório.

O funeral effectua-se hoje, pelas 15 horas, saindo da rua de Campolide, 10, 1.º, para o cemitério do Lumiar.

Interesses de classe Propaganda sindical

Em Saborro

SIBORRO, 10. — Realizou-se nesta localidade uma sessão de propaganda sindical que esteve muito concorrida, presidindo Joaquim José Faria, dos rurais de Montemor, secretariando Augusto Maneta e Joaquim Bento, dos rurais de Saborro.

Usaram da palavra Manuel Abrantes, da construção civil de Montemor; Joaquim Candeira, da Federação Rural; Manuel Clemente e Joaquim Bento, dos rurais desta localidade.

Todos os oradores encareceram a necessidade dos trabalhadores se organizarem de maneira a darem vitalidade aos sindicatos profissionais e consequentemente às Federações e C. G. T.

Atacam a taberna, fazendo ver quais os perigos a que estão sujeitos aqueles que a frequentam, aconselhando as mulheres a fazer o possível porque seus companheiros se retirem desse flagelo.

Foi votado um protesto contra a condenação à morte de João Archer, vítima da reacção espanhola.

A sessão encerrou-se com vivas à C. G. T., A Batalha, etc.

Respondendo a um apelo

O pessoal da Metalúrgica Limitada, da Bica do Sapato resolveu responder ao apelo de Manuel Ramos, prontificando-se a pagar a passagem a uma das suas testemunhas a Coimbra que é onde se vai realizar o seu julgamento. A comissão é composta pelos operários António Dóres Ribeiro, Clemente da Silva, Jorge Tomás, António Marques de Oliveira, António dos Santos, Bernardino Santana e Estevão José Machado.

Trabalhadores: lêde e propagação de A Batalha

Caixa de Pensões do ARSENAL DA MARINHA

Instituída pelo decreto n.º 3736 de 29 de Dezembro de 1917

SEDE: Arsenal da Marinha — LISBOA

Convoco os associados a reunirem-se em Assembleia Geral extraordinária no dia 21 de Março, pelas 17 horas, na Escola Profissional n.º 1, com a seguinte

INTERPRETAR o Artigo 27.º do Estatuto e votar um Regulamento para a sua aplicação.

Lisboa, 14 de Março de 1924.

O Presidente da Mesa,
(a) Agostinho de Carvalho

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor isqueiro e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (custado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rasas, tubos, pipos e tampões, nos melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maçarico, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO

das melhores marcas

CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 — Lisboa

Os melhores retratos são os da

Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

Os cavaleiros, impacientes, ordenaram brutalmente à multidão que se dispersasse, e desse passagem ao sr. Chusa, mordomo da casa do príncipe Herodes, e ao sr. Grémion, tribuno do tesouro romano.

«Ouvir estas palavras, Aurélio, mulher do sr. Grémion, empalideceu e disse a Joana:

«—Os nossos maridos já de volta!... vão saber que estamos fora de casa desde ontem à noite... Estamos perdidas!...

«Temos, porventura, alguma cousa de que nos acusamos, para ficarmos inquietas? perguntou Joana. Não ouvimos nós preceitos que tornam os bons corações melhores ainda?

«Minha querida senhora, disse Genoveva a Aurélio, o sr. Grémion parece-me que a reconheceu, porque fala em voz baixa ao sr. Chusa, apontando com o dedo para este lado.

«Ah! eu tremo! disse Aurélio. Que hei-de fazer? em que parará tudo isto? Ah! maldita seja a minha curiosidade!

«Bem dita seja ela, pelo contrário, disse-lhe Joana, porque levará tesouros no seu coração... Vamos afoitamente ao encontro de nossos maridos; são os maus que se escondem e curvam a cabeça. Venha Aurélio, venha... e caminhemos de frente erguidos!...

Neste momento, Madalena, a arrependida, chegou-se, ao pé das duas senhoras, disse a Joana com as lágrimas nos olhos:

«Adeus, senhora, que me deu a mão quando eu era despresada; a sua lembrança há de ser eterna para Madalena na sua solidão!...

«De que solidão fala? disse Joana admirada! Onde vai, Madalena?

«Para o deserto, respondeu a arrependida estendendo os braços para os cimos dos montes áridos além dos quais se estendem as dilatadas solidões do mar morto. Vou para o deserto chorar os meus pecados, levando no coração um tesouro de esperança! Bem dito o filho de Maria, a quem devo este vinho tesouro!

«Mas o Senhor responderá:

«—Digo-vos a verdade, que todas as vezes que deixastes de fazer este serviço a um dos mais pobres de entre os homens, deixastes de o fazer a mim próprio, vosso Senhor e Deus!...

Com grande pesar da turba comovida, sensivelmente por estes divinos preceitos do filho de Maria, que podiam ser compreendidos dos mais pobres de espírito, como dizia o jovem mestre, o seu discurso foi interrompido por um violento tumulto.

Eis o motivo: algumas pessoas a cavalo, vindo do lado das montanhas, dirigindo-se apressadamente para Jerusalém, foram obrigadas a parar diante do ajuntamento considerável agrupado ao pé da colina onde pregava o jovem mestre de Nazaré.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA
NOS ARREDORES

Faro

Fitas imorais

FARO, 9. — A imoralidade burguesa, coadjuvada pelas autoridades desta sociedade desregada, tiveram a audácia de fazer exhibir sem corar, e talvez a tróco de alguns patacos, uma fita

